

Doença e dor nas tramas do cotidiano

MEIHY, José Carlos Sebe Bom.
*Augusto & Lea: Um caso de (des)amor
em tempos modernos.*
São Paulo: Contexto, 2006.

Resenhado por Alice Beatriz da Silva Gordo Lang*

Trata-se de um estudo do tempo presente, abordando o problema de doença e dor no cotidiano, ou no rompimento da rotina do cotidiano de uma família da elite paulistana. Baseia-se em oito narrativas coletadas junto a membros do grupo familiar afetado e de pessoas que mantinham um estreito relacionamento com a família.

Pretende José Carlos Sebe Bom Meihy levar o leitor, através das várias narrativas, a conhecer um drama dos dias atuais, vivido por uma família da elite paulistana, mas que poderia ter sido enfrentado por muitas outras famílias – uma doença transmissível e letal, a AIDS, que vem se configurando como um dos grandes problemas da atualidade.

O autor inicia o livro com as narrativas, dando a conhecer o drama de uma doença incurável vivido através de diferentes perspectivas. Augusto, casado, com filhos já adultos, é um empresário bem sucedido do ramo de construção civil. Contrai HIV e transmite a doença para a esposa, não tendo porém coragem de revelar sua doença, com o que a esposa não recebe tratamento na fase inicial da doença, quando este poderia ter

* Pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos - Universidade de São Paulo.

sido mais eficaz, vindo a falecer. Os diferentes personagens envolvidos na trama contam sua versão do fato: Augusto, a esposa Lea, os dois filhos, a nora, a empregada da casa, a enfermeira, a amiga. Sentimentos são desnudados. Os nomes são fictícios, assim como fatos que pudessem contribuir para a identificação do grupo familiar envolvido.

Texto bem escrito, de leitura fácil, prende a atenção do leitor que é levado a conhecer sentimentos variados vividos e expressos pelos diferentes personagens: ambição, dor, arrependimento, ódio, ressentimento, amizade.

Como afirma o autor, o trabalho não se coloca dentro dos pressupostos de nenhuma específica disciplina, caminhando na confluência de muitas delas. Poderia ser visto como um estudo de psicologia social, um estudo sócio-antropológico, jornalístico ou literário. Pouco importa. O autor se propõe contar uma história dramática, recorrendo a palavras dos participantes, mas fora dos cânones do trabalho acadêmico. Missão difícil, senão impossível. A formação profissional do historiador e pesquisador está a espreita, reponta aqui e ali, informa o fazer – não se deixa esquecer ou substituir. O estudo é dirigido ao grande público.

Inicia a obra com a história de vida de Lea, a esposa. Moça de família rica, educada em colégio religioso tradicional, teve uma vida confortável como esposa, dona de casa e mãe de dois filhos já então casados, sem jamais exercer trabalho remunerado; viagens e amigos fizeram parte de seu universo. Nunca desconfiou da infidelidade do marido, empresário bem sucedido que se desenvolveu profissionalmente na empresa do sogro, no ramo imobiliário. O drama de Lea começa quando é levada a descobrir que o marido tornara-se portador do vírus HIV e a contaminara. Contou com o apoio incondicional de uma amiga e de um dos filhos. Como o marido não contara de sua doença, não começou o tratamento logo no início. Expulsa-o de casa, mas a doença se desenvolve rapidamente. A narrativa de Lea é marcada por fortes sentimentos: o ódio ao marido, o desejo de prejudicá-lo através de um processo judicial para a separação dos bens, as dificuldades face ao agravamento da doença e à crescente dependência, a proximidade da morte.

A partir de Augusto o drama foi desencadeado e a partir dele, o trabalho teve início. Augusto, de família de migrantes nordestinos, foi sempre bom aluno e esforçado. Formou-se em engenharia pela Escola Politécnica da USP e dedicou-se ao ramo de construção civil e venda. Casou-se com Lea, filha do dono da empresa na qual trabalhava, sendo bem aceito

pelo futuro sogro. Tiveram dois filhos. Com o tempo, foi ocorrendo uma aproximação com o motorista da família com quem teve a primeira experiência homossexual. Outras se seguiram e Augusto foi contaminado pelo vírus HIV. Contaminou a esposa, mas não teve coragem de falar sobre a doença. Com seu médico, montou um esquema para que Lea descobrisse a doença, tendo início o drama familiar. Os filhos já casados tiveram reações diferentes, compreensão de um, desprezo de outro e da parte da mulher, intenso ódio. Augusto considera a mulher uma vítima, mas também se vê como vítima de sua própria história.

O filho mais velho, o médico Marcos, contou sua vida em rápidos traços – boas escolas, faculdade, encaminhamento profissional sem dificuldades. Fala da doença com grande mágoa, não aceitando a postura do pai a quem faltou hombridade para encarar o fato e contá-lo a tempo de salvar a mãe. Manifesta seu desprezo e a inconformidade por não ter podido atuar como médico para a cura da mãe.

Rafael, o segundo filho, fala das facilidades que teve na vida em decorrência de seu gênio fácil, temperamento extrovertido e liderança. Tornou-se advogado. Conta como soube do drama familiar e como foi levado a assumir a tomada das decisões necessárias. Divide sua vida entre antes e depois do fato, não esconde a decepção com o pai. Acredita que conseguiu se reequilibrar.

Leta, nora e amiga de Lea, também separa sua vida entre antes e depois do problema e aponta a perda da espontaneidade que sempre marcou o relacionamento com a sogra e amiga. Nada conta de sua vida anterior ao casamento, refere-se apenas ao fato em foco.

Marieta trabalha para a família desde o nascimento do filho mais velho. Fala da vida da família e de como percebeu as mudanças. Tem uma teoria interessante: “quem cuida da roupa suja de uma casa sabe os segredos de todos...” (p. 96). Marieta observou as mudanças no comportamento dos patrões e o ambiente de tristeza que se instalou na casa. Cabe observar que o autor a trata por *Dona Marieta*, embora se refira aos demais apenas pelo prenome. Não seria por uma questão de idade, uma vez que Marieta é da mesma faixa etária que Lea, Martha e Augusto, mas talvez por uma questão de classe social inversamente considerada.

Greta, a enfermeira que acompanha Lea durante o dia, tem 25 anos e está preparando uma tese de mestrado sobre os limites do gênero feminino no processo terminal. Conta sua rotina como enfermeira de Lea e a

preocupação em manter uma atitude profissional, pois o envolvimento com a história da paciente é muito forte.

Martha, a amiga e confidente, foi colega de colégio de Lea e foi a Martha que Lea recorreu quando soube de seu infortúnio. Martha tem pela amiga grande admiração. Sua narrativa prende-se ao momento em que Lea buscou seu apoio quando foi solicitado o exame de HIV e aos períodos posteriores, embora fale também da educação rigorosa e inadequada aos tempos atuais que tiveram e da separação do marido, quando contou com a incondicional amizade de Lea.

O objetivo do estudo era o de compreender a reformulação das relações interpessoais entre os vários membros da família e os próximos, face a uma doença incurável, remetendo posteriormente os resultados obtidos a outras doenças, como um câncer na família, muito embora uma diferença fundamental se coloque: esta doença, embora pudesse se assemelhar na dor causada, não se revestia de culpa ou culpados, conduzindo a relacionamentos de natureza seguramente diversa.

No caderno de campo apresentado a seguir, o autor mostra o rumo da pesquisa, torna patente o processo de interação pesquisador-pesquisados. Sua preocupação era atingir um universo amplo de leitores e, ao mesmo tempo, mostrar aos pesquisadores como foi construído o texto final, os segredos e dificuldades que revestem sua elaboração.

Ao realizar o trabalho, apoia-se nos pressupostos e definições expostas no *Manual de História Oral*, de sua autoria (Meihy, 1998). Parece mesmo estar testando, em todas as etapas, as orientações por ele mesmo propostas. No caderno de campo, desnuda suas próprias incertezas, dúvidas e tomadas de decisão.

O autor busca distanciar-se de um trabalho acadêmico, achando-se descompromissado de seus referenciais em razão de sua aposentadoria. Dispensa-se de apresentar bibliografia. Quanto aos conceitos utilizados, apenas remete ao manual, embora pudesse melhor explicitá-los, como exemplifica o interessante conceito de *história continuada*. Não define ou aponta referenciais dos conceitos utilizados como os de *dupla personalidade* e *múltiplas identidades*, que poderiam ter sido desenvolvidos com apoio teórico.

Contudo, José Carlos Sebe não se furta em apresentar seu método de trabalho ao tratar da história do projeto e da construção do texto. Nos capítulos finais, quando apresenta a história do projeto, as anotações do

caderno de campo e trata da construção do texto, apresenta-se indubitavelmente o historiador dedicado à história oral, ou oralista, como proponente. É nesse momento que abre espaço para algumas ponderações sobre a maneira como visualiza o trabalho de história oral e para algumas considerações por parte da resenhista.

A pesquisa é um caminho cheio de encruzilhadas, decisões se fazem necessárias a cada passo, daí a necessidade de termos sempre presente o objetivo da pesquisa e a perspectiva pela qual o encaramos.

O autor afirma inicialmente que trabalhou com oito histórias de vida. Contudo, tendo em vista as entrevistas realizadas, considera a diferenciação entre histórias orais de vida e narrativas biográficas, afirmando que “a história de vida presta atenção ao valor moral da experiência pessoal, ao passo que a narrativa biográfica cuida mais do roteiro cronológico e factual das pessoas” (p. 147). As entrevistas de Lea, Augusto e Marcos se enquadrariam como histórias de vida e as demais como narrativas biográficas.

Acredito na necessidade de diferenciar as narrativas, mas de maneira um pouco diversa, considerando adequada a proposta que distingue histórias de vida, relatos de vida e depoimentos (Lang, 2001). De Lea e Augusto têm-se histórias de vida que abrangem grande parte da vida, sendo a narrativa orientada pelos entrevistados, com mínima interferência do pesquisador; dos filhos Marcos e Rafael, têm-se relatos de vida que seriam histórias de vida resumidas com enfoque na questão em estudo. Dos demais entrevistados, que pouco contam sobre suas vidas, mas apenas sua relação com o fato em estudo, têm-se depoimentos.

Uma questão importante diz respeito à realização de todas as entrevistas pelo mesmo pesquisador, que não se fez acompanhar de nenhum auxiliar. No caso, o processo de interação se torna certamente mais íntimo e propício ao desvendar de sentimentos, levando à acumulação de informações que facilitam as entrevistas subsequentes e a uma maior possibilidade de compreensão. Por outro lado, o procedimento poderia dificultar o distanciamento necessário para proceder à avaliação, dado o maior envolvimento do pesquisador na trama.

Segundo sua proposta, José Carlos Sebe Bom Meihy adota a forma de apresentação das narrativas denominada de *transcrição*. Indica que o tratamento dos documentos construídos através das entrevistas gravadas passou pelas fases de transcrição (absoluta e literal), textualização e

transcrição (p. 150). A transcrição corresponde à forma final da entrevista para apresentação pública. Por certo, foi esta a versão aprovada pelos narradores.

Contudo, algumas questões permanecem. De tantas entrevistas com cada um dos narradores, resultaram poucas páginas dedicadas a cada um, que mostrariam o que de mais substancial teria sido dito – a mensagem central, a partir da eleição do chamado *tom vital*. Para a realização desta operação de seleção, cortes, reordenamento e recriação do texto foram adotados – critérios que poderiam estar mais esclarecidos.

O autor não explicita suas conclusões, apenas encaminhando o leitor através dos textos transcritos, para compreensão do objetivo último da proposta: conhecer a transformação das relações familiares quando um fato doloroso e insanável se interpõe na rotina do cotidiano. Qualifica a relação entre entrevistador e entrevistado como uma relação de colaboração, como um compartilhamento. O desenvolver do projeto está marcado por um compromisso ético. Outras leituras, em função de outros objetivos, poderão certamente levar a outras conclusões.

José Carlos Sebe Bom Meihy investe contra autores que procedem a recortes do texto (p. 127). Entretanto, recortes são pressupostos da análise, possibilitando recompor o texto da narrativa segundo nova ordem que atenda aos objetivos propostos, visando o esclarecimento que se busca (sobre a análise ver Queiroz, 1991). A questão que se coloca diz respeito ao objetivo orientador do projeto, ou a outros objetivos que podem se colocar.

Documentos de tão grande riqueza como os construídos e apresentados suscitam outras leituras, instigam outras indagações como por exemplo: “A relação da questão de gênero face a uma doença terminal e especialmente ao HIV”; “O estilo de vida da elite paulistana e seu relacionamento com pessoas de outras camadas sociais”, entre inúmeras outras possibilidades. Questões diversas, solicitam análises diversas. A escolha dos procedimentos é necessariamente orientada pelo objetivo visado. Recortes possibilitam a comparação, permitindo distinguir o essencial do acidental.

Acredito que há várias formas de se trabalhar com História Oral, dependendo do objetivo do estudo e da perspectiva disciplinar através da qual o pesquisador o examina. Estou de acordo com Donald Ritchie (2003, p. 19) quando afirma: “a história oral é um campo extremamente

dinâmico e criativo para ser inteiramente capturado por qualquer definição única”. O instigante trabalho de José Carlos Sebe mostra sua visão do trabalho de história oral, visão que trouxe resultados significativos, mas uma visão entre outras igualmente defensáveis.

O livro termina com uma carta de Augusto ao autor, carta marcada pelo sofrimento e pelo remorso, onde o missivista faz uma avaliação da sua vida.

Mais do que uma história tocante, *Augusto & Lea – um caso de (des)amor em tempos modernos* é uma experiência fascinante do historiador José Carlos Sebe Bom Meihy.

Referências bibliográficas

- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: procedimentos e possibilidades. In: LANG, A.B.S.G. (org.). *Desafios da pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: CERU/Humanitas, 2001.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Análise de documentos em ciências sociais. In: *Variações sobre a técnica do gravador no registro de informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991, p. 91-108.
- RITCHIE, Donald A. *Doing Oral History: A Practical Guide*. New York: Oxford, 2003.